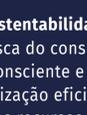




Economia colaborativa para comercialização de produtos da agricultura familiar

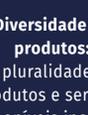
A economia colaborativa (EC) baseia-se na ideia de compartilhamento de recursos, informações e serviços entre indivíduos e empresas, promovendo a eficiência, a sustentabilidade e a diversidade de soluções oferecidas ao mercado.

Princípios da economia colaborativa



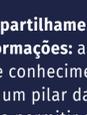
Sustentabilidade:

busca do consumo consciente e da utilização eficiente dos recursos. Ao compartilhar recursos como espaços, insumos, ferramentas etc., a economia colaborativa contribui para a redução do desperdício.



Diversidade de produtos:

a pluralidade de produtos e serviços disponíveis incentiva o compartilhamento. Na agricultura, além de alimentos, artesanato, ferramentas e insumos agrícolas podem ser trabalhados em cooperação.



Compartilhamento de informações:

a troca de conhecimento é um pilar da EC ao permitir que indivíduos e empresas compartilhem habilidades, experiências e informações para benefício mútuo.

Benefícios da economia colaborativa



Redução de despesas: a economia colaborativa ajuda a diminuir custos ao compartilhar recursos como máquinas e insumos.

■ **Na prática** - Um agricultor que não possui determinada máquina pode acessá-la por meio de uma rede colaborativa, evitando o custo de aquisição.



Aumento da produtividade: compartilhar recursos e informações permite ao produtor mais formas de produzir.

■ **Na prática** - Isso favorece que os agricultores otimizem seu tempo e esforços por novas técnicas de manejo, conhecimento de novas tecnologias e mais.



Promoção de networking e conexões: estabelece contatos e abre oportunidades de negócios e parcerias.

■ **Na prática** - Para a agricultura familiar, isso significa novos mercados, técnicas de cultivo inovadoras ou parcerias para venda conjunta, aumentando a visibilidade e o alcance.



Diversificação dos produtos: por meio do compartilhamento de recursos e conhecimento, os agricultores podem diversificar suas produções para atender a novas demandas de mercado.

■ **Na prática** - Ferramentas, insumos e conhecimentos compartilhados aumentam o horizonte de possibilidades na lavoura, permitindo a policultura e, consequentemente, novos mercados.



Espaços democráticos e participativos: promove a tomada de decisões coletivas, fortalecendo a gestão comunitária.

■ **Na prática** - Na agricultura familiar, isso pode resultar na formação de cooperativas ou associações nas quais os agricultores decidem juntos sobre preços, estratégias de mercado e investimentos, potencializando a força do grupo em negociações e decisões.



Venda direta ao consumidor: a EC permite que os produtores comercializem diretamente aos consumidores, eliminando os intermediários e aumentando as margens de lucro.

■ **Na prática** - Em mercados de agricultores locais, feiras orgânicas ou plataformas on-line, o contato direto com o consumidor não só aumenta a renda, mas também permite ao agricultor informar aos clientes sobre os benefícios de seus produtos.

A IMPORTÂNCIA DOS ESPAÇOS COLABORATIVOS NA EC

Os espaços colaborativos são locais onde o conceito acontece na prática. Neles, o grupo busca objetivos comuns, como a troca de experiências, serviços específicos, uso mútuo de determinado espaço, comércio compartilhado, entre outros aspectos que, como vimos, são fundamentais para o funcionamento desse modelo. Na agricultura, esses espaços colaborativos podem ser:



■ **Cooperativas:** em que produtores compartilham custos, ferramentas e insumos;

■ **Agricultura comunitária:** onde um grupo específico cultiva em um terreno que é comum à comunidade e divide os alimentos produzidos;

■ **Sistemas agroalimentares:** locais como lojas e feiras colaborativas, que compartilham espaço e criam mercados.

A implementação e a gestão desses espaços colaborativos de comercialização pode se dar de algumas formas, envolvendo vários atores da esfera privada e pública com o interesse comum de promover os produtos agroalimentares e gerar renda, levando em consideração a aproximação dos produtores entre si e com os consumidores, criando um ambiente de compartilhamento e localidade. Iniciativas já realizadas são:

■ **Implementação por ação governamental e gestão por grupos rurais:** o **Armazém da Caatinga**, em Juazeiro-BA, por exemplo, é um espaço para vender produtos orgânicos produzidos por cooperativas, grupos e associações rurais do Território do Sertão do São Francisco e de outras regiões do estado, e conta com mais de quatro mil itens de agricultores familiares.

A implantação foi uma ação do governo estadual para a agricultura familiar e a economia solidária. A gestão do Armazém da Caatinga é feita em colaboração com a Central da Caatinga, uma instituição local que representa associações e cooperativas, a qual tem o apoio da Companhia de Desenvolvimento e Ação Regional, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Rural do estado.

■ **Espaços voltados para a agricultura familiar, geridos por órgãos públicos:** é o caso da **Central de Comercialização da Agricultura Familiar (Cecaf)**, administrada pela Secretaria de Desenvolvimento Urbano do município de João Pessoa/PB. A Cecaf é um espaço que reúne cerca de 100 agricultores familiares. Além de realizar feiras, ela promove práticas relacionadas à economia colaborativa, em que agricultores e microempreendedores impulsionam suas produções de forma mútua, por exemplo, as confeitarias e estabelecimentos gastronômicos que usam ingredientes provenientes exclusivamente de pequenos produtores familiares dessa Central. A Sedurb tem um papel estratégico na gestão e na expansão da Cecaf, buscando melhorar continuamente o espaço para agricultores, comerciantes e consumidores.

■ **Espaços itinerantes:** os espaços colaborativos não precisam ser fixos. O **Circuito Carioca de Feiras Orgânicas**, da prefeitura do Rio de Janeiro, em parceria com instituições agrícolas e agricultores locais certificados, permite a comercialização direta pelos produtores em vários bairros por toda a cidade.

■ **Grupos autogeridos:** a **iniciativa Grupo Chão** é uma associação autônoma que atua como grupo de consumo aberto, financiado coletivamente. Ele tem um sítio, uma livraria, uma feira e uma mercearia com produtos agroecológicos, orgânicos e artesanais. O grupo colabora diretamente com agricultores familiares, permitindo que eles mesmos determinem o preço dos seus produtos, fazendo com que a comercialização seja mais justa.

Benefícios da economia colaborativa

Com base nesses exemplos, os produtores interessados em feiras e lojas colaborativas para a comercialização de seus produtos podem encontrá-las na região onde atuam por meio de instituições, associações, cooperativas e grupos agrícolas. Dessa forma, o produtor pode se juntar a outros que já estão colocando em prática esse modelo colaborativo de comércio. Caso ainda não pratiquem, essas instituições são as mais indicadas para movimentar um processo de implementação devido a sua capacidade de agrupar outros produtores e de dialogar com as instituições públicas locais, como a prefeitura e as secretarias do município, que, como vimos, costumam apoiar e viabilizar esse tipo de iniciativa para fomentar a venda de produtos agrícolas locais, disponibilizando espaços para a venda mútua.



■ **A tecnologia também pode ajudar o comércio pela economia colaborativa:** na cidade de São Paulo, por exemplo, o **site Sampa+Rural** surgiu pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano para conectar zonas de interesse ambiental e de alimentação saudável na cidade. Para agricultores, além da possibilidade de encontrarem compradores, é possível obter informações sobre onde encontrar serviços e produtos para levar sua produção agrícola, como feiras livres, comércios e restaurantes que usam alimentos orgânicos, entre outros.

Encontrar ou criar espaços colaborativos para venda

Como mencionado inicialmente, a economia colaborativa é baseada no compartilhamento de recursos, informações e serviços. Na agricultura, mais do que espaços integrados e projetos para a comercialização, a EC também apoia produtores entre si com insumos e ferramentas, o que impulsiona suas produções, refletindo na venda e na geração de renda.

■ **A Agrishare é uma startup** fundada em 2016 com o objetivo de conectar agricultores que possuem maquinário ocioso a outros que precisam dessas máquinas. A empresa oferece uma plataforma colaborativa na qual proprietários de máquinas agrícolas podem alugá-las para agricultores que não têm condições de adquirir equipamentos caros, proporcionando uma fonte de renda adicional para os donos das máquinas e agilidade para os agricultores que alugam.

■ **Pequenos produtores se juntam para compartilhar custos de produção.** O exemplo vem da Cooperativa dos Agricultores Familiares de Poço Fundo (Coopfam), em Minas Gerais. Juntos, eles conseguiram descontos nas compras coletivas de insumos e serviços (como logística). A iniciativa de colaboração os ajudou a reduzir custos e mitigar os impactos pós-pandemia.

Fontes consultadas

Agrishare promove a economia compartilhada no meio rural. Mobile Time, 2018. Eduardo Figueiredo. Organização e práticas de economia solidária com agricultores familiares: o caso do instituto chão. Brazilian Journal of Development, 2020. Cecaf se consolida como espaço de economia colaborativa e gastronomia. João Pessoa. 2021. Maria Luísa Rech Andre. Lojas colaborativas de produtos do meio rural em Brasília e entorno: tendências econômicas que aproximam o campo da cidade. UnB. 2021. Agricultura colaborativa: saiba como a tecnologia interfere positivamente. MyFarm. 2023. Economia colaborativa: entenda o que é, vantagens e exemplos. TOTVS. 2023. Avaliação das estratégias competitivas e colaborativas em circuitos curtos de comercialização de alimentos orgânicos no rio de janeiro. Emgemausp. Acesso em 2024.

